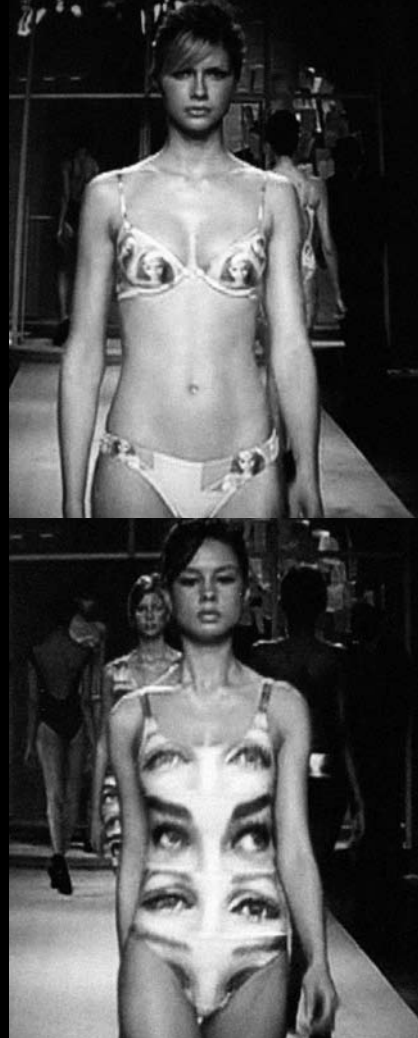


[ CRISTIANE MESQUITA ]

Doutora em Psicologia pelo Núcleo de Subjetividades Contemporâneas da PUC-SP; docente do Mestrado em Design da Universidade Anhembi Morumbi. Atua como pesquisadora, professora e consultora de projetos criativos e acadêmicos e como curadora do *zigzague: desfiles incríveis, conversas transversais, oficinas transitivas* (MAM-SP). É autora de *Moda contemporânea: quatro ou cinco conexões possíveis* (Anhembi Morumbi, 2004) e diretora do documentário *Jardelina da Silva: eu mesma* (DVD, 55 min., Diphusa, 2006).

E-mail: kekei@comum.com




[ 36 ]

É ao longo do século XX que o corpo passa a funcionar como um dos mais férteis terrenos da materialização dos cruzamentos entre a ciência, a tecnologia, o design, a moda, as artes e inúmeros outros setores produtivos, cujas políticas e economias são atravessadas por investimentos tão complexos quanto simplificadores de sua natureza orgânica e biológica. Especialmente a partir dos anos 1950, o corpo vive e participa de um momento histórico no qual se apresenta como portador-veículo-expositor dos mais intensos paradoxos contemporâneos e se mostra tão fortalecido quanto fragilizado, tão famoso quanto esquecido, tão exposto quanto blindado, tão visível quanto inexpressivo.

A rede de poderes que engendram a questão corporal se complexifica em nosso contemporâneo, tempo que exige sutileza na compreensão das linhas de força que circulam entre sua servidão e sua autonomia. Essa questão conduziu uma das sessões da mostra *desfiles incríveis*, na 2ª edição do *zigzague*<sup>1</sup>. O encontro, intitulado *Três passarelas*<sup>2</sup> apresentou dois trabalhos de videoarte e um desfile de moda que foram comentados pela pesquisadora Paula Sibilia, com mediação da semioticista Kathia Castilho.

A sessão *Três passarelas* começou com o vídeo de Jungle que apresenta um breve desfile em *slow motion*: duas mulheres negras e bastante rechonchudas desfilam alegremente, vestidas de maiô, diante dos aplausos de uma plateia comovida. Na sequência, o trabalho do coletivo de *videomakers* alterna cenas de desfiles de marcas famosas, engrenagens de máquinas de costura e imagens de gente comum que caminha naturalmente ou brinca de fazer pose, na passarela que cruza as avenidas 23 de Maio e Rubem Berta, na cidade de São Paulo. Por último, o desfile de modelos da Rosa Chá apresenta roupas de banho em tecidos estampados com ilustrações de partes do corpo, tais como lábios e olhos, entre outros fetiches, assim como sapatos, batons e bonecas Barbie.

As passarelas estreladas por gente gorda, gente como a gente e gente-modelo inspiraram o comentário de Sibilia, cujo trajeto de tonalidade afiada é delineado por apontamentos filosóficos, fatos históricos e exemplos atuais muito perspicazes para colocar os padrões de beleza que ocupam as mídias em diálogo com questões sobre o que é considerado carnal, mortal e "real". O texto que se segue enriquece o panorama de compreensão dos paradoxos que envolvem o corpo na esteira do pensamento de Michel Foucault e do contexto que Gilles Deleuze nomeia como "sociedade de controle"<sup>3</sup>, referência para um entendimento da transição das estratégias de poder que substituem o regime disciplinar e carregam consigo o próprio desejo de submissão e uma certa dose de prazer.




Desfile Rosa Chá, verão 2002.  
Divulgação.

# O corpo das modelos e a pedagogia moral dos desfiles

[ PAULA SIBILIA ]

Ensaísta especializada em temas culturais contemporâneos que abordam as relações entre mídia, subjetividade, corpo e tecnologias. Doutora em Saúde Coletiva (IMS-UERJ) e em Comunicação e Cultura (ECO-UFRJ). Mestre em Comunicação (UFF). É autora dos livros *O homem pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais* (Relume Dumará, 2002) e *O show do eu: a intimidade como espetáculo* (Nova Fronteira, 2008). Atualmente é professora da Pós-Graduação em Comunicação e do Departamento de Estudos Culturais e Mídia da Universidade Federal Fluminense (UFF) e pesquisadora do CNPq.  
E-mail: [sibilia@ig.com.br](mailto:sibilia@ig.com.br)



O que há nos desfiles de moda que tanto nos fascina? Por que esses eventos fazem tamanho sucesso hoje em dia? Não parece ser a roupa o que mais nos encanta nas passarelas iluminadas, mas outra coisa: os corpos que nelas desfilam. Esses corpos exemplares que ostentam as modelos: jovens, esguios, sarados, lisinhos, definidos e "perfeitos". Afinal, é isso o que são os desfiles de moda: festivais de corpos-modelo.

Mas que corpos são esses? Muito diferentes daqueles com os quais lidamos cotidianamente, podem suscitar a impressão de serem um pouco "irreais". Por quê? O que seria um corpo "real"? Nas remotas origens da nossa tradição filosófica, Platão aludira a "um túmulo que carregamos conosco", um peso inerte "ao qual estamos amarrados, como a ostra à sua concha". Toda a tradição ocidental, aliás, abunda em referências desse tipo: o corpo como uma obscura "prisão da alma". Dos rigores cristãos da Idade Média aos pudores burgueses da era industrial, a carne tem insistido em aprisionar aquela essência etérea que misteriosamente nos anima: a alma, em todas as versões e formatos que essa entidade soube adquirir com os vaivéns da história.

As rudezas da carne não só asfixiam com sua tosca materialidade as delicadezas imateriais da alma, mas também a contaminam com suas impurezas. Porém, apesar de toda essa linhagem histórica, não é nada disso o que percebemos nas silhuetas das modelos, tão cheias de graça como esvaziadas de gordura. Os corpos que hoje cintilam nos templos da moda não se afiliam a essa estirpe poluída e baixa. Então, que corpos são esses que nos enfeitiçam? Por que gostamos de vê-los, queremos copiá-los e desejaríamos encarná-los?

Esses perfis esguios, de longas pernas e ventres torneados, parecem repelir os excessos da sociedade contemporânea. Com sua magreza extrema e sua rígida elegância, exprimem um trabalho árduo e até mesmo disciplinado sobre a própria carne. Com sua mudez quase desalmada – pois as modelos não falam, sequer sorriem, são pura pele muda exposta aos olhares –, com sua pertinaz ausência de palavras, gestos e qualquer outro desatino que possa infamar o figurino, esses corpos parecem emitir uma impugnação dirigida a nós, os comuns mortais que os admiramos de longe: eles nos acusam. Orgulhosos em seu andar triunfante, esses corpos nem querem saber se aprisionam alma alguma – nem no sentido platônico, nem no cristão ou no burguês e tampouco em qualquer outro que possamos resgatar das profundezas da nossa espécie.

Em vez de degradarem com sua brutal carnalidade alguma essência etérea que estaria além de seus domínios, tanto a expressão de seus semblantes como os trejeitos de seu andar sinuoso parecem mesmo ter uma função moralizadora. Com a face altiva e seu olhar condenatório, as modelos alardeiam suas figuras como os frutos vitoriosos de uma abnegação que todos deveríamos emular: dietas, malhação, cirurgias plásticas e toda uma dolorosa cartilha de cuidados e privações. Num artigo sobre esse assunto escrito há alguns anos, Nelson Ascher constatava que "o ponto físico onde convergem as aspirações femininas de renascer esteticamente coincide com aquele que nos remete ao nascimento original: o umbigo"<sup>4</sup>. O ventre seco, sarado, definido. Se em tempos ancestrais de menos abundância – épocas nas quais a escassez e a secura eram a norma –, o acúmulo de gordura no abdome das mulheres era apreciado como um sinal de abundância e fertilidade, as barrigas enxutas



das modelos de hoje em dia evidenciam outras qualidades. Esses vultos descarnados e etéreos que nos maravilham parecem exorcizar os exageros da nossa festa consumista por meio de um trabalho minucioso sobre as formas do corpo: "estoicismo, força de vontade, ambição e sorte", resumia Ascher.

Além de encarnar esses valores – mais próximos do ideal apolíneo que do dionisiaco, mais perto do ascetismo que do hedonismo –, esses corpos são desenhados, expostos, copiados e consumidos como imagens. São lampejos visuais que pretendem atingir uma pureza quase imaterial, cuidadosamente afastada de todo lastro carnal. Eis a mensagem que essas silhuetas emitem ao se deslizarem sob os holofotes: a carne pode e deve ser trabalhada como uma imagem, para que seja exibida e observada, e logo devorada visualmente. Por isso, não é por acaso que programas de edição gráfica como o Photoshop desempenham um papel tão importante na construção dos "corpos perfeitos" expostos na mídia. Com esses bisturis de software, todos os "defeitos" e outros detalhes demasiadamente orgânicos presentes nos corpos fotografados são eliminados, retocados ou corrigidos. E as imagens assim editadas aderem a um ideal de pureza digital, longe de toda imperfeição toscamente analógica e de toda viscosidade que pareça orgânica demais.

Três décadas atrás, Clarice Lispector debochava das aetromoças e das *manequins* daquela época, em seu livro *Água viva*, afirmando que elas eram "desidratadas" e que, portanto, era preciso "acrescentar-lhes ao pó bastante água para se tornarem leite"<sup>5</sup>. Mas as nossas modelos deixaram para trás até mesmo esse parco ideal. O ar de pureza que elas exalam sonha se livrar de todo vínculo com a materialidade orgânica: elas parecem partilhar uma natureza incorpórea, mais aparentada com as linhas assépticas diagramadas em software de computador do que com o voluptuoso frescor do leite. Assim, isentos da incômoda espessura e do peso fatal da carne, seus corpos almejam virar pura imagem bidimensional – embora com polidos efeitos 3D, que geram a ilusão dos volumes bem torneados. Mas esses corpos são superfícies lisas e puras, onde todo rastro da impertinência carnal e do seu fardo realmente tridimensional fora retocado ou *deletado*. Todo e qualquer "defeito" capaz de macular essa lisura foi convenientemente apagado, limpo, purificado.

A cada nova temporada, então, desde os cobiçados altares das passarelas, as lânguidas celebridades do universo fashion convocam o ávido público a idolatrar e imitar suas formas. Pois lá embaixo, bem mais perto do lodo terreno e da truculência carnal, os corpos reais devem sofrer para estarem à altura desses modelos digitalizados – e, sobretudo, *digitalizantes*. Porque essas imagens corporais desbordam das passarelas e das telas midiáticas, dos outdoors e das páginas das revistas, para impregnarem todos os corpos e as subjetividades. Assim, esses perfis imagéticos se convertem em objetos de desejo a serem reproduzidos na própria carne, que de algum modo também se "virtualiza" nesse movimento.

Vários paradoxos assombram essa curiosa entidade que é o organismo humano nesta era do "culto ao corpo". Este parece ter se tornado uma fonte inesgotável não apenas de prazeres e sensações, mas também de preocupações, infortúnios e constrangimentos. Pois toda a atenção insiste em se centrar no próprio umbigo. Além de aludir a certos exageros narcísicos do individualismo contemporâneo e às atenções desmedidas que o corpo não cessa de exigir, quando o âmago do que se é tende



Vênus de Grimaldi, Neolítico.  
Musée des Antiquités Nationales,  
Saint-Germain-en-Laye.

a se concentrar no próprio umbigo, essa parte da anatomia humana tem sido particularmente fetichizada nos últimos anos. Proliferaram as roupas que permitem exibi-lo em público, como uma espécie de troféu sarado e malhado; e, também, tornou-se um receptor privilegiado de joias, piercings, tatuagens e outros enfeites.

Em princípio, essa tendência parece exprimir certa libertação. Convém lembrar, por exemplo, o que aconteceu no longínquo ano de 1946, quando o biquíni foi inventado e procurou-se uma modelo para divulgar a novidade – cabe esclarecer que, naqueles tempos, as moças que desempenhavam tais atividades se chamavam *manequins*, enfatizando sua função de “cabide para roupas” e nem tanto a de “corpos exemplares”. Respeitando os tabus da época, porém, nenhuma profissional consentiu em ser fotografada vestindo tamanha ousadia: um biquíni. Foi necessário contratar uma bailarina de cabaré para poder divulgar a audaz inovação. Quase dez anos mais tarde, em 1955, a primeira mulher que ousou aparecer numa praia argentina vestindo um biquíni foi violentamente obrigada a se retirar do espaço público. A nudez do umbigo – origem do mundo e fonte da vida, cujas volutas talvez antecipem outras zonas umbrosas da feminilidade – provavelmente fosse um dos tabus que protelaram a aceitação inicial dessa peça de roupa. Para corroborar tais pecaminosas associações, cabe lembrar que na Idade Média os umbigos das damas eram pudicamente apagados ou esfumados em alguns dos quadros que as representavam, de maneira semelhante a como hoje são *deletados* adiposidades, celulite, espinhas e outros “defeitos” nas fotografias de corpos femininos estampadas nas vitrines midiáticas.

Convém esclarecer, porém, que embora duas práticas tão distantes possam parecer semelhantes, seus sentidos divergem estrepitosamente: se os virtuosos pincéis medievais e os afiadados Photoshops dos atuais designers fazem coisas similares, ambos obedecem a pudores e pavores bem distintos. De fato, em 2005, uma modelo fotografada para a edição brasileira da revista *Playboy* apareceu sem o umbigo numa das fotos publicadas, pois o encarregado de “limpar os defeitos” da imagem exagerou na expurgação das “imperfeições” e acabou apagando até mesmo as rugosidades do abismo umbilical. De qual-

quer forma, para constatar que as coisas mudaram bastante nos últimos séculos – e, sobretudo, na última década – basta conferir o estrondoso sucesso atual do biquíni, muito bem ilustrado nos desfiles de “moda praia” que deslumbram os espectadores.

Mas o que seria um corpo “belo”? Esse conceito tem mudado ao longo da história ocidental e varia ainda mais nas diversas culturas não ocidentais, embora esteja se homogeneizando ao ritmo da globalização dos mercados. Não faltam os exemplos, tanto na história como na extensa geografia do planeta, de crueldades e violências aplicadas ao corpo humano para aproximá-lo de certo padrão de beleza. No entanto, tais mártires costumavam limitar seu escopo a determinados grupos sociais. As jovens moças de boa posição social à procura

[ 40 ]

Desfile Rosa Chá,  
verão 2002.  
Divulgação.



Desfile Rosa Chá,  
verão 2002.  
Divulgação.



de marido, por exemplo, nos cenários burgueses do século XIX e boa parte do XX, deviam se submeter a severos rituais: do espartilho aos métodos de branqueamento da pele, passando por todo tipo de modelagem dos cabelos, unhas, cílios, sobran-celhas e tais.

Já o resto da população, em geral, era liberado dessas tor-turas. A maioria era relevada dessa penosa obrigação da beleza – considerada, aliás, algo que se tinha ou não se tinha, por obra do acaso natural ou da divina arbitrariedade do além. Agora, entretanto, esse imperativo da beleza não só afinou suas me-didas e se tornou mais exigente em suas demandas – é preciso ser cada vez mais magro, juvenil e sarado –, como também ampliou seus tentáculos para alcançar segmentos crescentes da população. Com seus ambíguos mecanismos de aparente exclusão, o imperativo do "corpo perfeito" que vigora entre nós tem uma voracidade inclusiva jamais imaginada.

Contudo, se há uma forte incitação a se adequar a esse padrão do *fitness* que as modelos encarnam como ninguém, em contrapartida, percebe-se também uma insólita prolifera-ção do *monstruoso*. Assomam e assombram, por toda parte, os corpos inadequados e estigmatizados, aqueles que mais se distanciam do modelo "ideal". Corpos sem *fitness*, que consti-tuem o contraexemplo do que se deveria ser – aquela suposta perfeição corporal que, contudo, é ostensivamente inatingível. Hoje em dia, por exemplo, 45% das mulheres com um peso inferior ao normal se consideram "gordas demais", e a maioria confessa sua preferência de emagrecer cinco quilos em vez de conquistar outras metas pessoais ou profissionais.

Cabe esclarecer, porém, que todas essas crenças, imagens e narrativas que se espalham com tanto vigor, não surgem dos desfiles de moda. Esses eventos festivos e cada vez mais mi-diáticos apenas participam dessa complexa rede; dela se ali-mentam e contribuem para nutri-la, sem dúvida, mas não são a sua causa. Há toda uma atmosfera cultural na qual estamos imersos, alegremente abastecida por um mercado ávido e flo-rescente, que suscita uma luta contra o próprio corpo sempre inadequado: uma batalha contra essa imagem *monstruosa* que os espelhos insistem em escancarar, demandando um trabalho de purificação constante para se adequar ao modelo hegemô-nico. Para se ter (e ser) o corpo-modelo das modelos.

Não é casual que a indústria de produtos de beleza invista quase todo o seu orçamento em publicidade: é disso que se trata, e só disso. Por tal motivo, todos os dias, uma infinidade de notícias e reportagens sobre o assunto é publicada em todo o planeta, selando uma eficaz aliança tácita entre mídia, tecnociência e mercado. Das telas cintilantes e das páginas coloridas irradia um catálogo de modelos corporais a serem copiados ou

a serem evitados, e o conseguinte receituário de recursos para se aproximar dessa utopia corporal. O mercado oferece diversos produtos e serviços recém-descobertos e quase mágicos para chegar lá. No entanto, sabe-se que é preciso pagar por isso: não apenas com tempo e dinheiro, mas também com sofrimento: os corpos reais devem penar para estarem à altura dessa "irrealidade" imagética.

Mas há algo paradoxal nessa devoção pelos corpos "purificados" das modelos. Como explicar que essa adoração se espalhe como um vírus paralisante na sociedade contemporânea, uma cultura que soube conquistar liberdades individuais inéditas no que tange aos corpos e aos modos de vida? Uma sociedade que foi amplamente afetada pela liberação feminina e pela revolução sexual e que hoje prega a defesa da liberdade de escolha em todos os âmbitos. Por que ficamos prisioneiros das promessas tolas emitidas por uma imagem corporal desalmada e sem espessuras?

Se as lutas sociais e políticas dos séculos XIX e XX conseguiram que a mulher se libertasse das históricas amarras que a sujeitavam como um espartilho de ferro, hoje seu corpo *deve* se submeter – alegre e prazerosamente – a métodos ainda mais cruentosos de modelagem e sujeição corporal: cirurgias plásticas, dietas, malhação. E o mais curioso é que ninguém parece querer se "libertar" dessas renovadas tiranias. Ao contrário: o imperativo da beleza abraça não apenas as mulheres, mas também os homens. Pessoas de todos os setores socioeconômicos e culturais, gente de todas as idades e partes do planeta, que são capazes de sacrificar-se de diversas maneiras – e até mesmo morrer – para se tornar um corpo-modelo.

Essa meta aparece como moralmente admirável, um objetivo pelo qual é preciso se esforçar, trabalhar, lutar e até fenecer na tentativa. Cabe perguntar, porém, parafraseando Gilles Deleuze, "a que somos levados a servir"<sup>6</sup> quando assumimos essa batalha. Quais são os dispositivos de poder que nos demandam esse insólito sacrifício vital? Quais são as engrenagens que tamanha energia contribui para alimentar, abocanhando tantos esforços e sofrimentos? O que podem – e o que não podem – esses corpos?

[ 42 ]

## NOTAS

[1] *ziguezague: desfiles incríveis, conversas transversais, oficinas transitivas*. Evento paralelo à *São Paulo Fashion Week*, realizado pelo MAM-SP e Senac São Paulo desde janeiro de 2007. A 2ª edição ocorreu entre os dias 14 e 18 de junho de 2007.

[2] *Passarela* (DVD, 2001) Tadeu Jungle (disponível em: <<http://www.tadeujungle.com.br/zero.html>>); *Na passarela* (DVD, 2003), Henrique Heber, Francisco Freire, Lucas Abreu, Bruno Paulino, Marina Nogueira e Gustavo Nóbrega; e Rosa Chá, verão 2002.

[3] DELEUZE, Gilles. Post-Scriptum sobre as sociedades de controle. In: \_\_\_\_\_. *Conversações*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992. Disponível em: <<http://www.scribd.com/doc/7253280/DELEUZE-PostScriptum-Soc-Controle>>.

[4] ASCHER, Nelson. Barriga, pra que te quero? Folha de S. Paulo, São Paulo, 6 set. 2004. Caderno Ilustrada. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0609200416.htm>>. Acesso em: 29 jan. 2010.

[5] LISPECTOR, Clarice. *Água viva*. São Paulo: Círculo do Livro, 1973. p. 36.

[6] DELEUZE, Gilles. Post-Scriptum sobre as sociedades de controle. In: \_\_\_\_\_. *Conversações*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992, p. 226.